

ELEMENTOS METODOLÓGICOS DA GEOGRAFIA AGRÁRIA CLÁSSICA: a produção em periódicos brasileiros

Flamarion Dutra Alves

Doutorando em Geografia, UNESP – Rio Claro. dutrasm@yahoo.com.br

Enéas Rente Ferreira

Prof. Dr. do IGCE, UNESP – Rio Claro. eneasrf@rc.unesp.br

METHODOLOGICAL ELEMENTS OF TRADITIONAL AGRARIAN GEOGRAPHY: production in brazilian periodicals

Resumo

A preocupação em entender a história de uma Ciência sempre é relevante, principalmente para visualizar as principais influências filosóficas e os pressupostos teórico-metodológicos. Dessa forma, este artigo tem como objetivo discutir os métodos e abordagens utilizadas na geografia agrária clássica, enfocando a produção científica brasileira entre 1939 a 1950.

Palavras-chave: Geografia Agrária; Método; História do Pensamento Geográfico; Metodologia; Periódicos.

Abstract

The concern with understanding the history of Science is always important, especially to view the main influences philosophical and assumptions theoretical-methodological. Thus, this paper aims to discuss the methods and approaches used in traditional agrarian geography, focusing Brazilian scientific production between 1939 to 1950.

Key-words: Agrarian Geography; Method; History of Geographical Thought; Methodology; Periodicals

Introdução

Pretende-se nesse artigo contribuir para a história do pensamento geográfico, acerca dos métodos na geografia agrária no período 1930 – 1950 compreendendo o período denominado de “Escola Clássica” da geografia. Objetiva-se caracterizar os diferentes métodos científicos empregados nos estudos geográficos rurais, para isso foi realizado um levantamento

bibliográfico nos periódicos do Boletim Geográfico, Revista Brasileira de Geografia e Boletim Paulista de Geografia, além de livros que tratassem da questão agrária na geografia. Essa pesquisa bibliográfica auxiliou na definição dos métodos e os procedimentos técnicos adotados por geógrafos agrários, para compreender a metodologia no período selecionado.

Outros trabalhos se preocuparam com a questão metodológica da geografia agrária, como em Megale (1976), Gusmão (1978), Ceron e Gerardi (1979) Galvão (1987), Andrade (1995), Ferreira (2002), Bray (2006), Marafon; Rua e Ribeiro (2007), Fernandes, Marques e Suzuki (2007) e Alves e Ferreira (2007, 2008a, 2008b). Cada trabalho direcionando uma inquietação seja de ordem técnica, conceitual, teórica ou de método.

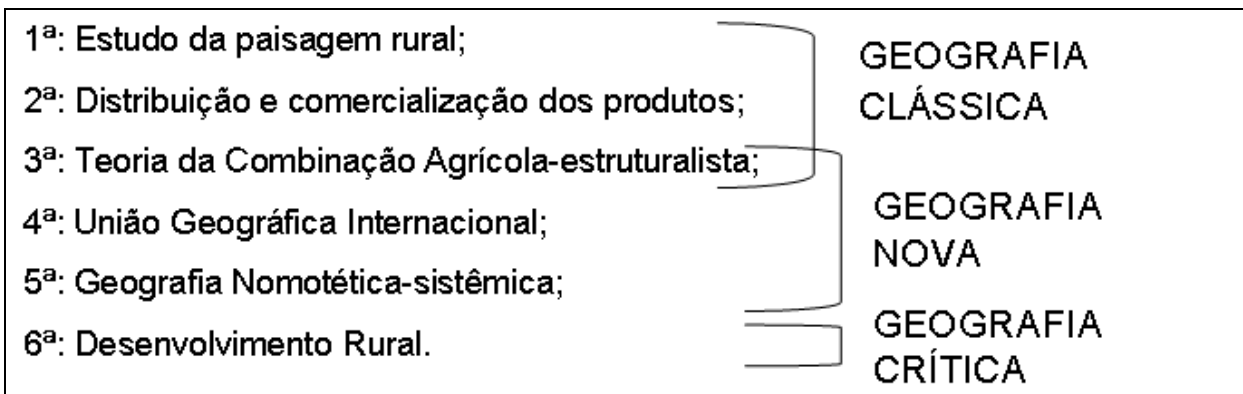
Estes trabalhos nos nortearam nas definições dos objetivos dessa investigação, proporcionando reflexões sobre a história do pensamento geográfico, acerca da evolução metodológica da geografia agrária. Eles mostram três grandes momentos metodológicos, acompanhando as escolas do pensamento geográfico – Clássica, Teorética e Crítica.

Periodizações na Geografia Agrária

Algumas obras já trabalharam com a divisão e periodização dos momentos teórico-metodológicos na geografia agrária nacional. De forma geral, há uma separação que predomina na maioria dos trabalhos, Escola Clássica, Teorética e Crítica.

Esse esforço classificatório vem contribuir para fins didáticos e explicativos das correntes de pensamento e doutrinas filosóficas. Todavia, existem sobreposições de correntes filosóficas, autores que mudam de perspectiva teórica, métodos que sobrepõem a produção científica entre outros aspectos que não separam fielmente uma escola da outra.

Analisando a obra de Diniz (1984) o autor faz algumas considerações acerca da história do pensamento geográfico, no que tange a geografia agrária. Nessa obra, o autor faz uma divisão da evolução dos conceitos geográficos e o estudo da agricultura. (Esquema 1):



Esquema 1 – Divisão teórico-metodológica em 6 momentos do estudo da geografia rural (até 1984).

Fonte: Diniz (1984).

Organização e adaptação: Flamarion Dutra Alves.

O esquema teórico-metodológico apresentado por Diniz (1984) revela uma divisão em seis vertentes, as duas primeiras “*estudo da paisagem rural*” e “*distribuição e comercialização dos produtos*” se refere à geografia clássica, fundamentada na abordagem regional das pesquisas. Esses estudos visavam conhecer as diferentes regiões do mundo, identificando as culturas locais, produção agrícola, as formas de *habitat* rural, ou seja, classificar os diferentes modos de vida, essas regionalizações agrícolas buscavam uma síntese geográfica.

A terceira vertente “*Teoria da Combinação agrícola-estruturalista*” é baseada em André Cholley, na qual defendia a tese da auto-regulação das estruturas no movimento de combinação dos elementos. Aqui ele classifica os elementos em três tipos: elementos de ordem física e biológica; elementos de ordem humana e elementos políticos e econômicos, essa Teoria da Combinação para Diniz (1984) acrescentou maior cientificidade aos estudos agrícolas:

Inegavelmente, a Teoria de Cholley representa um avanço considerável sobre os trabalhos tradicionais da Geografia da Paisagem e da Geografia da Descrição dos Produtos. A ênfase no estudo das relações entre os elementos e na compreensão da combinação como uma estrutura colocou a Geografia numa posição mais condizente com o pensamento científico. (DINIZ, 1984, p.47).

Nessa etapa da evolução teórico-metodológica, a Teoria da Combinação apresenta algumas características da geografia clássica, bem como da geografia nova, pois a descrição e regionalização ainda são marcantes, todavia, outros elementos começam a ser levados em consideração pelo pesquisador.

O quarto e quinto momentos destacados por Diniz, “*União Geográfica Internacional(UGI)*” e “*Geografia Nomotética-Sistêmica*” traduz as características da geografia nova, na qual as investigações acerca da produção agrícola deveriam seguir um esquema metodológico da UGI, que criou algumas comissões, entre elas está a Comissão de Tipologia da Agricultura, que basicamente objetivou tipificar as diferentes áreas agrícolas, quantificando e mapeando elas.

No último momento, Diniz (1984) observa uma crescente, nos estudos sobre o desenvolvimento rural e nas questões ligadas ao social, diminuindo os estudos ligados a produção da agricultura. Outra característica desse momento é o uso de teorias e autores de outras áreas do conhecimento, como sociologia, economia, antropologia entre outros, esse fato faz o autor considerar uma diminuição do foco geográfico nas pesquisas em geografia agrária.

Assim, Diniz (1984) nos mostrou esses cinco momentos da geografia rural, mas também apontou as tendências da ciência geográfica, ressaltando a geografia radical de bases marxistas, com uma ênfase nas questões sociais.

Dessa maneira, o autor vê de forma benéfica essa multiplicidade teórica “as tendências atuais na geografia são variadas, o que é bastante útil ao desenvolvimento da ciência” (1984, p.52). Porém, afirma que a geografia nova e a radical assumem posturas bem distintas, mas não antagônicas:

Em síntese, podemos observar dois enfoques dominantes na Geografia Agrária atual. O primeiro, essencialmente teórico, econômico e quantitativo, buscando leis e trabalhando com modelos, pode muito bem ser exemplificado pelos manuais de Morgan e Munton (1971) e de Tarrant (1974). O segundo enfoque, mais social, preocupando-se com as condições de vida da população

rural, a apropriação dos meios de produção por diferentes classes sociais, e as questões de desenvolvimento rural. Embora distintas, essas concepções não são necessariamente estanques ou contraditórias.

Portanto, as diferentes escolas do pensamento geográfico diferem de alguns pontos e características, mas podem coincidir em alguns métodos e técnicas, que compreende etapas de uma metodologia.

Metodologia

Neste artigo, vamos fazer um apanhado geral da produção da geografia agrária clássica, mais precisamente entre 1939 a 1950, nos periódicos científicos – *Boletim Geográfico* do Conselho Nacional de Geografia (1943 até 1950), *Revista Brasileira de Geografia* do IBGE (1939 até 1950) e *Boletim Paulista de Geografia* (1949-1950) – enfatizando a questão metodológica.

Levando em consideração que as pesquisas realizadas na década de 1930, na qual não tinham um canal de divulgação desses trabalhos, muitos desses resultados começaram a ser publicados no *Boletim Geográfico* e na *Revista Brasileira de Geografia*. Então, muitos trabalhos publicados no período selecionado são frutos de pesquisas realizadas anteriormente. A consulta foi baseada em 93 exemplares do *Boletim Geográfico*, 47 exemplares da *Revista Brasileira de Geografia* e 06 exemplares do *Boletim Paulista de Geografia*.

O processo metodológico adotado nessa pesquisa bibliográfica se identifica com o método filosófico hermenêutico, na qual busca entender a idéia do autor através de seus escritos, usando a técnica da análise de conteúdo, para isso, utilizou-se como referência Gadamer (2003):

Querer simplesmente subtrair a historiografia e a investigação histórica à competência da reflexão histórico-efetual significa reduzi-la à indiferença extrema. É justamente a universalidade do problema hermenêutico que questiona o que está por trás de todas as espécies de interesses pela história, porque se refere àquilo que está como fundamento para a “questão histórica”. (GADAMER, 2003, p. 18-19).

Essa abordagem analisa os textos interpretando as intenções do autor através de sua linguagem adotada, além de verificar as novas interpretações com o contexto histórico, surgindo novas denotações e que o autor quando escreveu a obra não a imaginava.

Como neste artigo traremos as idéias e afirmações dos autores que expressaram seus pensamentos através de seus escritos, as obras consultadas vão demonstrar as características metodológicas da época estudada e a partir disso, fazer considerações acerca da evolução teórico-metodológica da geografia agrária.

A Geografia Agrária Clássica: influências alemãs e francesas

Com o início do período científico na Geografia, a partir do século XX, ocorre uma busca incessante pelo “método geográfico”. Algumas correntes do pensamento e de bases filosóficas defendem o melhor uso metodológico na Geografia, e, por conseguinte nos estudos de Geografia Agrária.

Ficou evidente a predominância de alguns métodos no período selecionado, entre eles o método histórico, comparativo, indutivo, monográfico, estatístico e sistemático. Com relação ao uso destes métodos existe um aporte teórico e técnico diferenciando-os, além de cada um deles apresentarem conceitos e temáticas características da escola clássica da Geografia.

A influência da escola francesa de Vidal de La Blache é constatada nas publicações de Pierre Monbeig, com a predominância dos trabalhos regionais, buscando compreender os diferentes gêneros de vida e os *habitat* rurais. Pierre Deffontaines também apresenta vários trabalhos sobre a Geografia humana, na qual sua base teórico-metodológica confere com a escola francesa, sobretudo no estudo das paisagens e das diferentes regiões brasileiras.

No Brasil, a influência francesa na produção científica geográfica é marcante, devido a presença de diversos geógrafos franceses na fundação dos primeiros cursos de Geografia, na Universidade de São Paulo e na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig são nomes clássicos e influentes nesse período.

Com uma metodologia diferenciada, a escola alemã representada por Léo Waibel apresenta um esquema metodológico para a Geografia agrária dividido em três grandes eixos: estatístico, ecológico e fisionômico. Todavia, sua base técnica advém dos trabalhos de campo, do método indutivo-empírico, aliada a inserção de dados estatísticos para corroborar o trabalho de campo.

A presença de geógrafos alemães no Brasil se deu por suas participações nas pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que tinham como objetivo conhecer o território nacional, ainda pouco desbravado e conhecido. E a contribuição da escola alemã e de sua metodologia foi importante para compreender algumas características das diferentes regiões no Brasil.

Léo Waibel se dedicou as áreas de colonização na Amazônia e no sul do Brasil, e foi um nome marcante na geografia nacional, deixando discípulos na geografia agrária, destaca-se entre eles Orlando Valverde.

A produção nas revistas científicas em Geografia: a diversidade dos métodos

Nos 143 exemplares consultados no período de 1939 a 1950, pode-se caracterizar e definir alguns métodos e vertentes teóricas predominantes.

Método Histórico

Importante método de interpretação e análise, o *método histórico* é lembrado por Monbeig (1944, p.9) na qual fazendo algumas observações sobre os métodos científicos nos estudos geográficos, “Basta citar a obra de Vidal de La Blache e seus discípulos para avaliar-se o papel essencial que o espírito e o método histórico devem desempenhar nos estudos e pesquisas geográficas”. O autor ao tratar sobre a inter-relação da geografia humana e a história, citando Demangeon “a geografia humana estuda as relações entre as sociedades humanas e o meio no presente e no passado” (1944, p.9).

Com isso, ele ressalta a necessidade dos estudos geográficos, principalmente os que tratam das questões humanas, em fazer um

levantamento histórico das áreas, pessoas e habitat. Monbeig (1944, p.10) menciona um trabalho de Georges para exemplificar o método da geografia humana:

É preciso simplesmente procurar explicar o gênero de vida atual analisando seus elementos à luz do método histórico que é o único a fazer compreender o lugar que ocupam hoje [...] o estudo de um gênero de vida é a aplicação de método histórico à atualidade regional.

O autor ainda alerta para o uso indevido do método histórico nas pesquisas geográficas:

A interpretação da história e da geografia é, pois, geral e constante, uma pesquisa de geografia humana não tendo senão um resultado incompleto e um valor científico limitado se aquele que a realiza não tem, além do espírito geográfico, uma mentalidade histórica. (MONBEIG, 1944, p.10).

Método da Observação

Uma característica das pesquisas geográficas no período estudado, ressalta o caráter descritivo das diferentes paisagens rurais que os geógrafos encontravam. Com uma minuciosa descrição e detalhamento dos aspectos físicos, humanos, econômicos entre outros, o *método da observação* é considerado naquele momento, como a principal ferramenta do geógrafo.

Pereira (1945) menciona La Blache para afirmar o objeto de estudo da geografia:

[...] a geografia é a análise da *paisagem*, como acentuou Vidal de La Blache. As formas, os fenômenos e os aspectos da superfície terrestre, resultante das forças e dos agentes físicos, que continuamente trabalham, modelando-a ou transformando-a sob os nossos olhos, quando coexistem num determinado espaço, independentemente da presença do homem, formam o que modernamente se chama *paisagem natural*. Mas o homem com sua atividade na superfície terrestre altera em maior ou menor grau a paisagem natural donde o

novo tipo plasmado pelo homem – a *paisagem cultural*. (PEREIRA, 1945, p.1480).

Para o autor a ciência geográfica auxilia no conhecimento do mundo através de seu método “esse método, como para as ciências físicas ou a psicologia experimental, é o da *observação*, realizada, sobretudo, no grande laboratório da Natureza” (PEREIRA, 1945, p.1480).

Pereira (1945) ressalta o principal método de análise da paisagem geográfica, a observação:

Como ciência da *observação*, ensina a “ver”, o que é precisamente o mais importante, o que é *típico*, traçando uma espécie de fundamento do quadro geográfico, a paisagem clássica [...] conforme Deffontaines, a fazer compreender melhor tudo o que há de particular em cada região, porque permite adquirir essa noção essencial na disciplina da observação que é a “noção de tipo”. (PEREIRA, 1945, p. 1480).

Mas não basta observar a paisagem para compreender ela, o autor explica como deve ser este procedimento “a observação que se decompõe em *análise, comparação e classificação*, constitui, com a *investigação*, os dois processos essenciais do método geográfico” (1945, p.1480).

Pereira (1945, p.1481) destaca os outros métodos empregados na geografia humana “ao geógrafo avisado tratando dos fatos humanos, além do método da observação, ocorre o uso de outros métodos auxiliares, como o *histórico, o estatístico e o monográfico*”.

De forma sintética, para a execução de um bom estudo regional, se faz necessário utilizar o método da observação, sendo auxiliado por outros métodos e técnicas.

Método Estatístico

Não muito comum na geografia agrária clássica, a utilização de dados e aportes estatísticos foi verificado em alguns trabalhos no período selecionado. Destacamos as pesquisas que se basearam nos dados dos censos

agropecuários do IBGE da década de 1940, na qual foi a principal fonte de informações para esses trabalhos.

Com relação a concentração de terras, o trabalho de Câmara (1949) apresenta uma análise estatística dos dados do censo nacional de 1940. O autor explica o uso de sua metodologia:

Síntese metodológica – as desigualdades na distribuição da propriedade agrária – motivo de inquietações, rebeldias, reivindicações de todos os séculos e de diferentes latitudes – podem ser mensuradas através de áreas, razões ou índices específicos, a cuja metodologia a escola italiana de Estatística dedicou as maiores atenções e as mais aprofundadas pesquisas. (CÂMARA, 1949, p.516).

Os resultados da apreciação estatística através do índice de Gini e classificação de áreas para a estrutura fundiária revelaram aquilo que todos percebiam, a concentração de terras, “essas disparidades tão acentuadas na distribuição da propriedade agropecuária sugerem a existência, no Brasil, de fortíssima concentração” (CÂMARA, 1949, p.519).

Por tratar de realidades mais abrangentes e não locais (diferente das abordagens regionais), o método estatístico na década de 1940, baseado nos dados do Censo Estatístico, foram pouco disseminados nos periódicos geográficos, revelando a tendência dos estudos regionais.

Método Regional

Principal método e abordagem empregada nas pesquisas geográficas sobre o rural, o método regional teve sua instauração na academia brasileira devido a influencia da geografia francesa, de Vidal de La Blache sendo adotada sua teoria e método por seus discípulos, como Pierre Monbeig e Pierre Deffontaines.

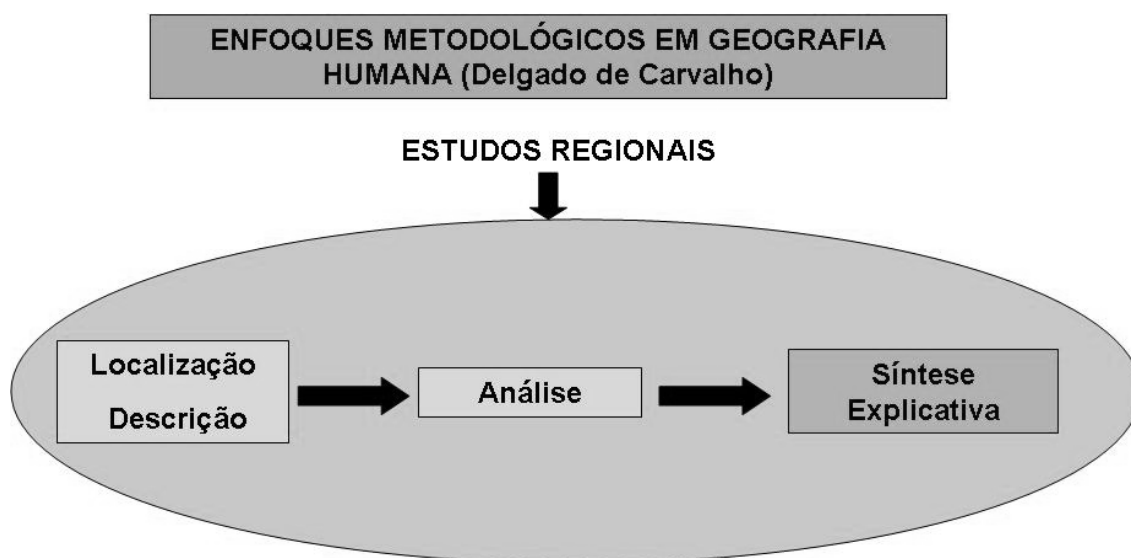
Conforme Zarur (1946) em consideração ao método regional ele afirma que:

A primeira função da “análise regional” é de caráter local, procurando armar o planejador com os elementos positivos e negativos da região, possibilitando a sugestão

de um programa prático que auxiliará a desenvolver os recursos locais e mitigar e diminuir o efeito das forças naturais negativas. (ZARUR, 1946, p.181).

Carvalho (1945) também observa outros métodos empregados na geografia humana (Esquema 2), além do método da observação e da descrição da paisagem:

Mas os demais métodos das ciências sociais também servem à Geografia Humana: o método estatístico, com suas tabulações bem interpretadas; o método histórico, com a sua evocação eloqüente do passado; o método monográfico, que permite os mais belos quadros mesológicos e os estudos regionais mais característicos. (CARVALHO, 1945, p.1169).



Esquema 2 – Enfoque metodológico em geografia humana.

Fonte: Carvalho (1945).

Organização: Flamarion Dutra Alves

Em outro artigo Monbeig (1945) reafirma a importância dos estudos regionais, a fim de conhecer a realidade das diferentes regiões:

É, entretanto no quadro da região que melhor se entra em contato com a realidade: a complexidade das relações entre os grupos humanos e as condições naturais aparece em maior destaque que em golpes de vista de conjunto. O estudo é essencialmente analítico, tratando

sucessivamente dos diferentes aspectos físicos e depois dos fatos humanos; não se limita a uma descrição seca e não exclui uma conclusão onde for possível trazer a luz o ajustamento ou, ao contrário, o desajustamento entre as condições geográficas permanentes e o estado atual das atividades humanas. (MONBEIG, 1945b, p.915).

A respeito das questões metodológicas na geografia humana, Monbeig (1946) define o padrão metódico da escola clássica:

[...] os estudos clássicos de Geografia não deixam nunca de descrever o *habitat* e a vida rural e, entretanto, não dedicam, e raramente, mais do que algumas pobres linhas à alimentação. Lacuna incompreensível. Talvez porque aos geógrafos faltasse ainda um método capaz de orientá-los nesse domínio; perceberam o perigo de penetrar nos domínios dos folcloristas ou dos higienistas. (MONBEIG, 1946, p.1268).

Nesse trabalho, Monbeig mostrou algumas fragilidades do método indutivo, na qual há pouco ou nenhum interesse em estudar a questão alimentícia da população.

Diegues Júnior (1948) defende uma proposta metodológica centrada nos estudos regionais, dando ênfase às questões culturais nessas pesquisas. A pesquisa regional baseada em uma localidade (particular) é importante para entender o Brasil (geral), pois diferentes estudos regionais se complementariam:

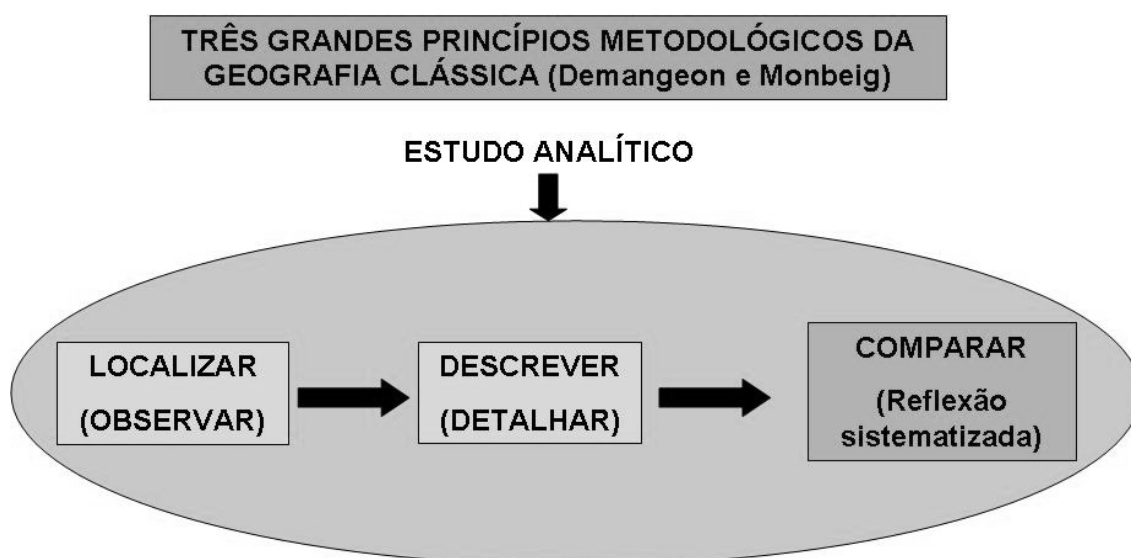
O sentido regional da solução dos problemas brasileiros, além de seu caráter geo-econômico – em face da diferenciação geográfica e cultural das várias áreas de nosso país – deve ser considerado, sobretudo, como um complemento indispensável ao mecanismo constitucional. (DIEGUES JÚNIOR, 1948, p.494).

Dessa forma, o período analisado deixou evidente a forte influência francesa na produção científica geográfica, tanto na geografia agrária como na geografia humana em geral. A importância dessas investigações serviram para conhecer o território nacional, mostrando as peculiaridades e os diversos modos de habitação, gêneros de vida e constituição das paisagens rurais.

Método Comparativo

O objetivo do método comparativo é de auxiliar e complementar os estudos regionais, servindo como uma análise comparativa de diferentes regiões. Monbeig (1945a) ao tratar sobre o papel do geógrafo e seus objetivos no ensino secundário, menciona os princípios básicos da geografia acerca do método e objeto de estudo.

Baseado em Demangeon, Pierre Monbeig (1945a, p.165-166) destaca três pilares metodológicos da geografia, “o primeiro é que a geografia localiza [...] em segundo lugar, a geografia descreve [...] depois de ter localizado, depois de ter descrito, o geógrafo *compara*”, ou seja, a ferramenta principal do geógrafo é observação, na qual ele realiza um processo de descrição do que ele vê e a partir disso faz relações com outras paisagens ou elementos (Esquema 3).



Esquema 3 – Síntese metodológica do geógrafo clássico conforme Monbeig e Demangeon.

Fonte: Monbeig (1945a).
Organização: Flamarion Dutra Alves

Sobre esse procedimento metodológico Monbeig (1945a, p.166) ainda diz que “o método comparativo ajuda ao mesmo tempo a fazer perceber aos jovens espíritos a transformação perpétua das coisas e das sociedades

humanas”. Ele ressalta que para fazer tais comparações o geógrafo deve desenvolver a capacidade de observar:

[...] sem exagero, que *a geografia é a arte de saber ver*. saber ver a paisagem, saber ver um mapa, uma fotografia. Esse estudo analítico das paisagens ou de suas reproduções, que é feito por uma leitura atenciosa e precisa, constitui um excelente exercício de observação [...] a observação é a fase inicial da descrição e isso conduz a uma *reflexão sistematizada*.

Após as duas etapas iniciais, o geógrafo se depara com a análise comparativa, a respeito desse método Monbeig (1945a) afirma que “a utilização do método comparativo permitirá assinalar que existem casos análogos, mas nunca casos perfeitamente idênticos. Imediatamente, aparecerá a idéia da multiplicidade das causas tanto quanto de seus efeitos”, ou seja, a comparação serve como uma ferramenta para desenvolver idéias em regiões, paisagens ou estudos conhecidos.

Método Sistemático

A produção científica nos periódicos nacionais em geografia revelaram a predominância da corrente francesa nos aportes teórico-metodológicos, porém, algumas obras defendem outro tipo de análise no objeto de estudo da geografia, como Ackerman (1947) na qual faz uma crítica à adoção do método regional na geografia humana e defende o uso do método sistemático de influência estadunidense. Todavia, o autor destaca aspectos importantes e relevantes da abordagem regional e propõe um estreitamento entre os métodos, condenando o dualismo existente entre eles.

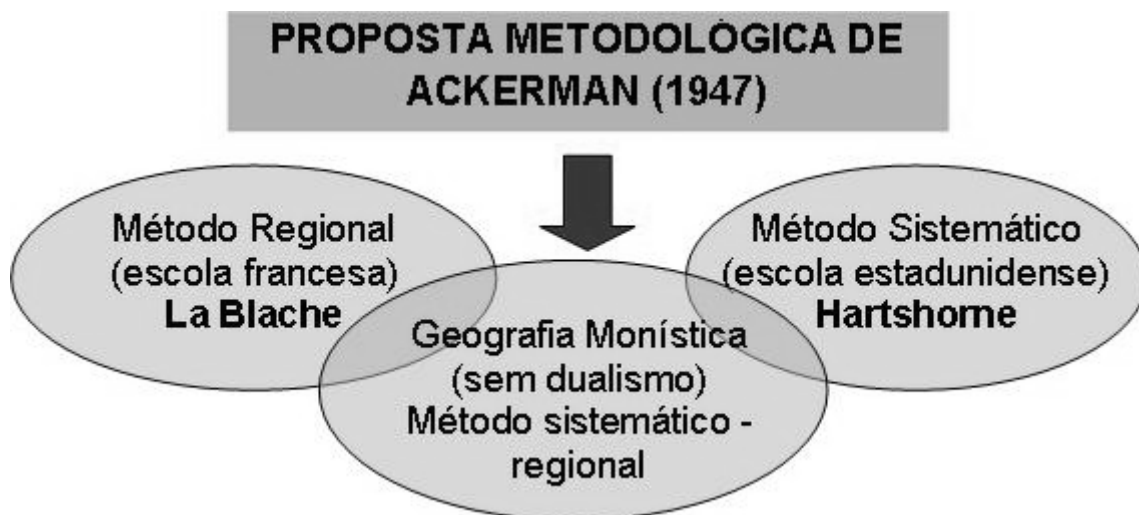
Entre os pontos relevantes do método regional Ackerman (1947) aponta para:

Os geógrafos regionais foram os pioneiros num ponto de vista e em métodos de organização que foram mais tarde adotados e que ainda são usados em outras ciências sociais. Além disso, os estudos regionais integrais serão sempre importantes para a ciência geográfica e,

provavelmente, sempre serão um fim na sua pesquisa. (ACKERMAN, 1947, p.783).

A expansão do método sistemático É defendida por Ackerman, na qual se apóia em Richard Hartshorne, pois entende que o método regional, por si só, não dá sustentação a uma pesquisa mais elaborada e profunda, sendo necessário adotar uma postura sistemática, a fim de compreender a complexidade geográfica.

Ackerman (1947) aponta para futuras aplicações do método sistemático, em conjunto com o método regional (Esquema 4), propondo um “possibilidade de um novo método” (Ackerman, 1947,p.785).



Esquema 4 – Proposta metodológica de Edward Ackerman (1947).
Fonte: Ackerman (1947).
Organização: Flamarion Dutra Alves.

Após os apontamentos acerca dos pontos positivos e negativos dos métodos regional e sistemático, Ackerman (1947, p.788) defende a tese de que “a geografia é unidade e não dualidade”, ou seja, as pesquisas geográficas têm como objetivo a descrição regional, mas essa deve descrever a totalidade dos elementos regionais de forma sistemática. Assim, Ackerman afirma:

Não pode haver geografia sistemática que não seja também geografia regional parcial; não pode haver geografia regional que não seja baseada no estudo

sistemático. A única distinção que existe entre a geografia sistemática e a regional é a que existe entre a parte e o todo. A geografia é, portanto, monística e não dualística. (ACKERMAN, 1947, p.789).

Preocupações metodológicas na década de 1940

As discussões existentes entre *qual o melhor método em geografia agrária?* ou *qual é o mais adequado?* ou *qual a tendência?* Não é novidade na produção geográfica. Essa preocupação com a metodologia e suas teorias e métodos sempre foi uma questão de muita discussão entre padronizar e “escolher” um modelo a ser seguido, ou diversificar e não seguir padrões metodológicos na investigação geográfica.

Monbeig (1944, p.11) se preocupou com a unificação do método na geografia “Toda a ciência que chega a elaborar um bom método de trabalho tende a cristalizar-se: satisfaz-se com sua técnica e tende a limitar-se à execução automática. A esclerose logo a estará rondando”.

As influências francesas (MONBEIG, 1944, 1945, 1946) e alemãs (WAIBEL, 1948) na formação do pensamento geográfico brasileiro predominaram na década de 1940, delineando o método regional com os franceses e o método estatístico-fisionômico-ecológico de Leo Waibel, mas, existindo outros métodos de análise na geografia agrária.

Considerações Finais

Constata-se nesse levantamento bibliográfico, uma variedade metodológica na geografia agrária, apesar desse momento estar classificado como “Geografia Clássica”, existiram outras nuances teórico-metodológicas nas pesquisas geográficas sobre o rural (Esquema 5).

Fica evidente a influência alemã e francesa nos trabalhos realizados no Brasil, motivados pelas presenças de geógrafos destes países durante a década de 1940. Apesar de outras vertentes teórico-metodológicas estarem presentes nos trabalhos publicados nessa década, a predominância do método indutivo, comparativo e histórico foram bases que sustentaram os estudos regionais na geografia agrária.

Características Gerais da Geografia Agrária Clássica (1939-1950)

MÉTODOS

- Indutivo-Empírico;
- Comparação;
- Histórico;
- Monográfico;
- Estatístico;
- Sistemático;
- Observação;
- Regional

CONCEITOS

- Paisagem;
- Fato Geográfico;
- Região;
- Habitat*;
- Gênero de vida.

TÉCNICAS

- Trabalho de campo;
- Observação;
- Descrição;

TEMÁTICAS

- Colonização;
- Relação Meio Natural – Sociedade;

PRINCIPAIS AUTORES

- Pierre Monbeig;
- Pierre Deffontaines;
- Preston James;
- Caio Prado Júnior;
- Léo Waibel.

Síntese: O estudo regional procura conhecer as diferentes paisagens, através das técnicas do trabalho de campo (observação e descrição) e fazer co-relações através do método da comparação ou monográficos.

Esquema 5 – Características gerais da geografia agrária clássica (1939-1950).
Organização: Flamarion Dutra Alves

Outros autores podem ser citados nesse período, como Castro Barreto, Albert Demangeon, Manuel Diegues Júnior, Otávio Domingues, Preston James, Américo Oliveira, Lynn Smith, Elio Migliorini que estiveram presentes nos periódicos estudados.

Referências Bibliográficas

ACKERMAN, Edward A. Treinamento geográfico, pesquisa em tempo de guerra e objetivos profissionais imediatos. p.780-795. *In: Boletim Geográfico*. v.5, n.55, 1947.

ALVES, Flamarion D.; FERREIRA, Enéas R. Algumas considerações sobre os métodos sistêmico e dialético na geografia agrária. p.1-15. *In: SIMPÓSIO*

INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, v.3. **Anais...** Londrina: UEL, 2007.

_____. Pressupostos teórico-metodológicos da geografia rural brasileira: evolução e tendências. p.1-14. *In:* COLÓQUIO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO, v.1. **Anais...** Uberlândia: UFU, 2008a.

_____. Panorama metodológico na geografia rural: apontamentos para a história do pensamento geográfico. p.885-895. *In:* Simpósio de Pós-Graduação em Geografia do Estado de São Paulo, v.1. **Anais...** Rio Claro, AGETEO, 2008b.

BRAY, Silvio C. Perspectivas teórico-metodológicas da geografia agrária. p.1-8. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, v. 18. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2006.

_____. Da técnica das palavras chaves à história do pensamento geográfico. p. 3-16. *In:* Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, v. 1. **Anais...** Rio Claro: IGCE – UNESP, 1999.

CARVALHO, Delgado de. Evolução da geografia humana. p.1163-1172. *In:* **Boletim Geográfico**. v.3, n.33, 1945.

CERON, Antônio O. ; GERARDI, Lucia H. de O. Geografia Agrária e Metodologia da Pesquisa. p.59-68. *In:* **Boletim de Geografia Teorética**. v.9, n.17 e 18, 1979.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. Síntese histórica da economia açucareira no Brasil. p.397-401. *In:* **Boletim Geográfico**. v.5, n.52, 1947.

DINIZ, José A. F. **Geografia da Agricultura**. São Paulo: DIFEL, 1984.

FERNANDES, Bernardo M.; MARQUES, Marta I.M.; SUZUKI, Júlio C. (Orgs.) **Geografia agrária: teoria e poder**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FERREIRA, Darlene A. de O. **Mundo Rural e Geografia**. Geografia agrária no Brasil: 1930-1990. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. 5.ed. Tradução Flávio Paulo Maurer. Petrópolis: Vozes, 2003.

GALVÃO, Maria do Carmo C. Contribuição ao debate sobre perspectivas teórico-metodológicas para a geografia agrária. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA. v.7. **Anais...** Aracaju, 1987.

GUSMÃO, Rivaldo P. Os estudos de geografia rural no Brasil: revisão e tendências. *In: 3º Encontro Nacional de Geógrafos AGB*. Fortaleza, 1978.

MARAFON, Gláucio J.; RUA, João; RIBEIRO, Miguel A. (Orgs.). **Abordagens teórico-metodológicas em geografia agrária**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

MEGALE, Januário F. Geografia agrária: objeto e método. p.1-23. *In: Métodos em Questão*. São Paulo: USP, n.12, 1976.

MONBEIG, Pierre. Estudos Geográficos. p.7-11. *In: Boletim Geográfico*. v.1, n.11, 1944.

_____. A Geografia no ensino secundário. p.163-171. *In: Boletim Geográfico*. v.3, n.26, 1945a.

_____. Pesquisas Geográficas. p.915-919. *In: Boletim Geográfico*. v.3, n.31, 1945b.

_____. A geografia e o meio vivo. p.1267-1269. *In: Boletim Geográfico*. v.3, n.34, 1946.

PEREIRA, José V. da C. A propósito da evolução, conceito e método da geografia. p. 1477-1481. *In: Boletim Geográfico*. v.2, n.22, 1945.

SMITH, T.L. Sistemas agrícolas. p.159-184. *In: Revista Brasileira de Geografia*. v.9., n.2, 1947.

ZARUR, Jorge. Análises Regionais. p.177-188. *In: Revista Brasileira de Geografia*. v.8., n.2, 1946.

WAIBEL, Leo. A teoria de Von Thünen sobre a influência da distância do mercado relativamente à utilização da terra. p.3-40. *In: Revista Brasileira de Geografia*. v.10., n.1, 1948.

Artigo encaminhado para publicação em dezembro de 2008.

Artigo aceito para publicação em janeiro de 2009.

ISSN 1981-9021 - Geo UERJ - Ano 10, v.2, n.18, 2º semestre de 2008.

WWW.geouerj.uerj.br/ojs